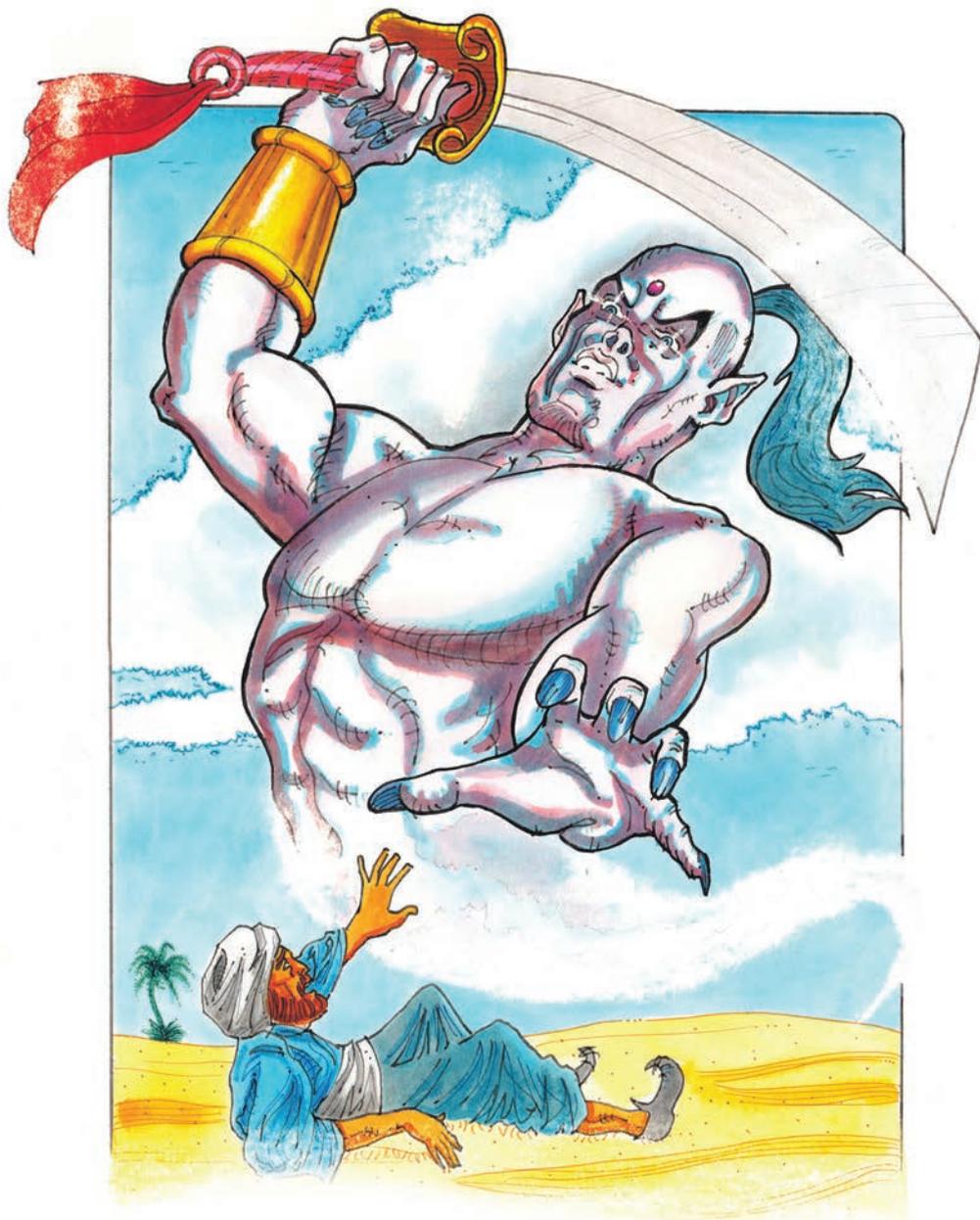


*Conto das Mil e Uma Noites*  
**O Mercador e o Gênio**

*Ilustrações de Fábio Morais*



**Cidade de**  
**São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal



*Conto das Mil e Uma Noites*

# ***O Mercador e o Gênio***

*Ilustrações de Fábio Moraes*



**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal



**E**ra uma vez um mercador que possuía uma grande fortuna, tanto em terras e mercadorias quanto em dinheiro vivo, e era obrigado a viajar, frequentemente, para cuidar de seus negócios. Certo dia, tendo que deixar sua casa e percorrer um longo caminho, montou seu cavalo e levou consigo uma pequena sacola na qual pôs alguns biscoitos e tâmaras, pois teria que atravessar o deserto, onde não havia nenhum tipo de comida. Chegou a seu destino sem qualquer contratempo e, assim que terminou seus negócios, preparou-se para a volta. No quarto dia de sua viagem, quando o calor do sol estava insuportável, o mercador afastou-se da estrada para descansar debaixo de algumas árvores. Encontrou, ao pé de uma frondosa nogueira, uma fonte de água corrente e cristalina. Desmontou e prendeu seu cavalo a um galho da árvore e se acomodou ao lado da fonte, depois de retirar de sua sacola alguns biscoitos e tâmaras. Após terminar sua frugal refeição, lavou o rosto e as mãos na água da fonte.

Enquanto estava assim ocupado, viu um gigantesco gênio, branco e furioso, que vinha na sua direção empunhando ameaçadoramente uma cimitarra.

– Levante-se! – gritou o monstro com uma voz terrível. – E deixe-me matá-lo, assim como você matou meu filho!

Mal proferiu estas palavras, soltou um poderoso berro. O mercador, totalmente apavorado tanto pela face horrenda do monstro quanto por suas palavras, perguntou-lhe tremendo:

– Ai de mim, bondoso senhor, o que eu poderia ter-lhe feito para merecer a morte?

– Eu vou matá-lo – repetiu o gênio. – Assim como matou meu filho!

– Mas – disse o mercador. – Como poderia eu ter matado seu



*Agarrou o mercador, jogou-o ao chão e ergueu o sabre para matá-lo...*

filho? Não o conheço, nunca sequer o vi.

– Quando você chegou aqui não sentou neste chão? – perguntou o gênio. – E não pegou algumas tâmaras da sua sacola e, enquanto as comia, não atirou pedras?

– Sim – disse o mercador. – Eu fiz isso realmente.

– Então, eu lhe afirmo que você matou meu filho, pois enquanto você arremessava as pedras, meu filho estava passando e uma delas o atingiu no olho e o matou. Portanto, vou matá-lo também.

– Ah, senhor, perdoe-me! – gritou o mercador.

– Não terei piedade de você – respondeu o gênio.

– Mas eu não matei seu filho intencionalmente, foi um infeliz acaso. Por isso, imploro-lhe que poupe minha vida!

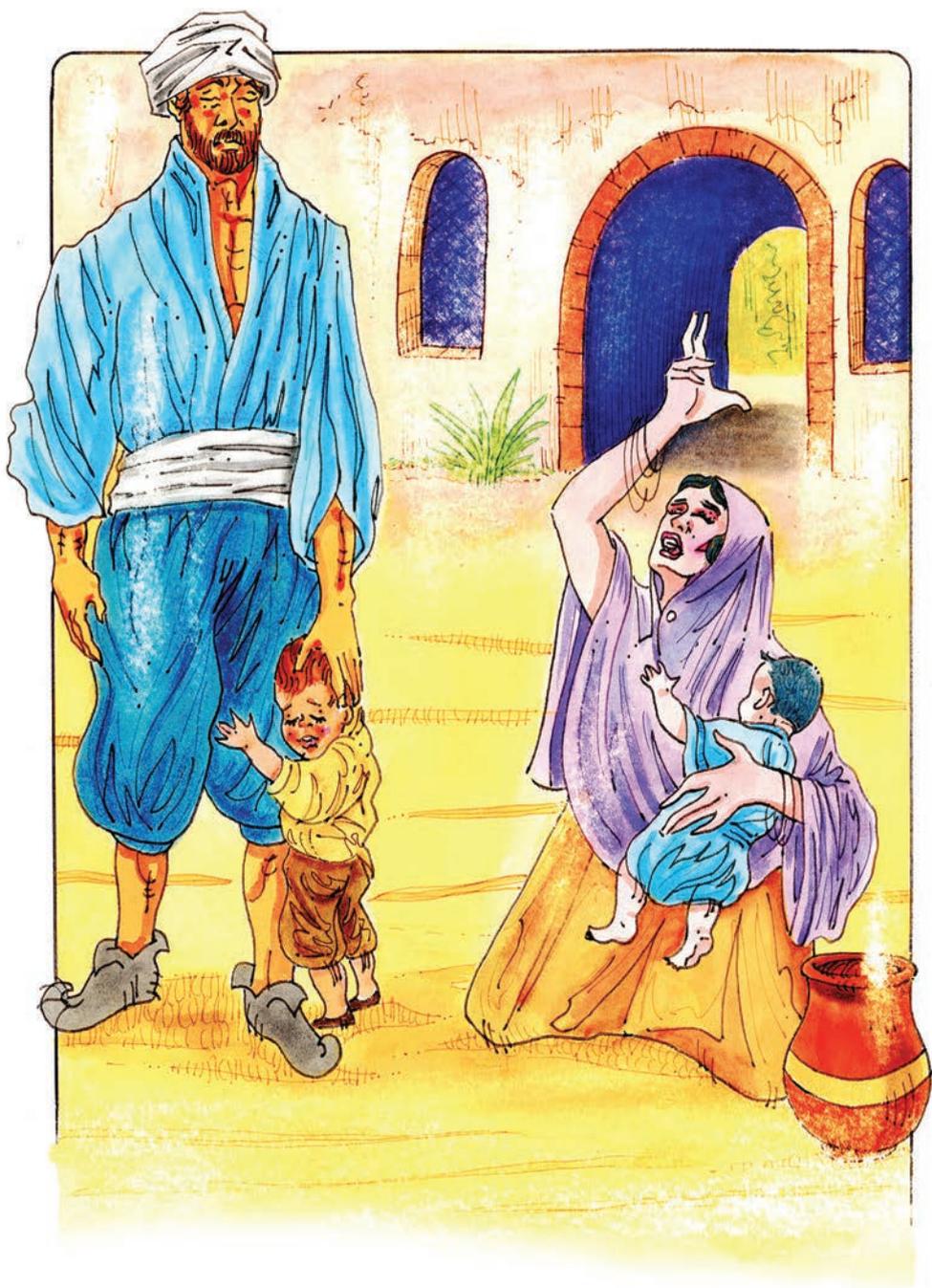
– Não! Vou matá-lo assim como você matou meu filho! – e, dizendo isso, agarrou o mercador pelo braço, jogou-o ao chão e levantou o sabre para cortar-lhe a cabeça.

O mercador, protestando inocência, lamentou-se por deixar sua mulher e filhos, e tentou desesperadamente evitar a morte. O gênio, com a cimitarra levantada, esperando até que o mercador terminasse seu lamento, não estava nem um pouco comovido.

Quando o mercador se convenceu de que o gênio estava mesmo determinado a cortar-lhe a cabeça, implorou:

– Um pedido mais, eu lhe suplico! Conceda-me um pequeno adiamento; apenas um curto espaço de tempo que me permita ir até minha casa para despedir-me de minha mulher e meus filhos e fazer meu testamento. Assim que eu tiver feito isso, voltarei aqui e você poderá me matar.

– Mas, se eu lhe conceder esse adiamento, certamente você não voltará – hesitou o gênio.



*Ao ouvir a notícia, sua mulher entrou em desespero.*

– Dou-lhe minha palavra de honra que voltarei sem falta! – garantiu o mercador.

– De quanto tempo você precisa? – perguntou o gênio.

– Eu lhe peço o período de graça de um ano – implorou o mercador. Prometo ao senhor que, passados doze meses exatos, estarei, no dia seguinte, debaixo destas árvores para me entregar.

Tendo ouvido estas palavras, o gênio levou-o até a fonte e desapareceu.

O mercador, depois de recuperar-se do susto, montou seu cavalo e retornou à estrada.

Quando chegou a sua casa, a mulher e os filhos receberam-no com a maior alegria. Mas ele, em vez de abraçá-los, caiu num choro tão aflito, que eles adivinharam que a causa disso só poderia ser algo muito terrível.

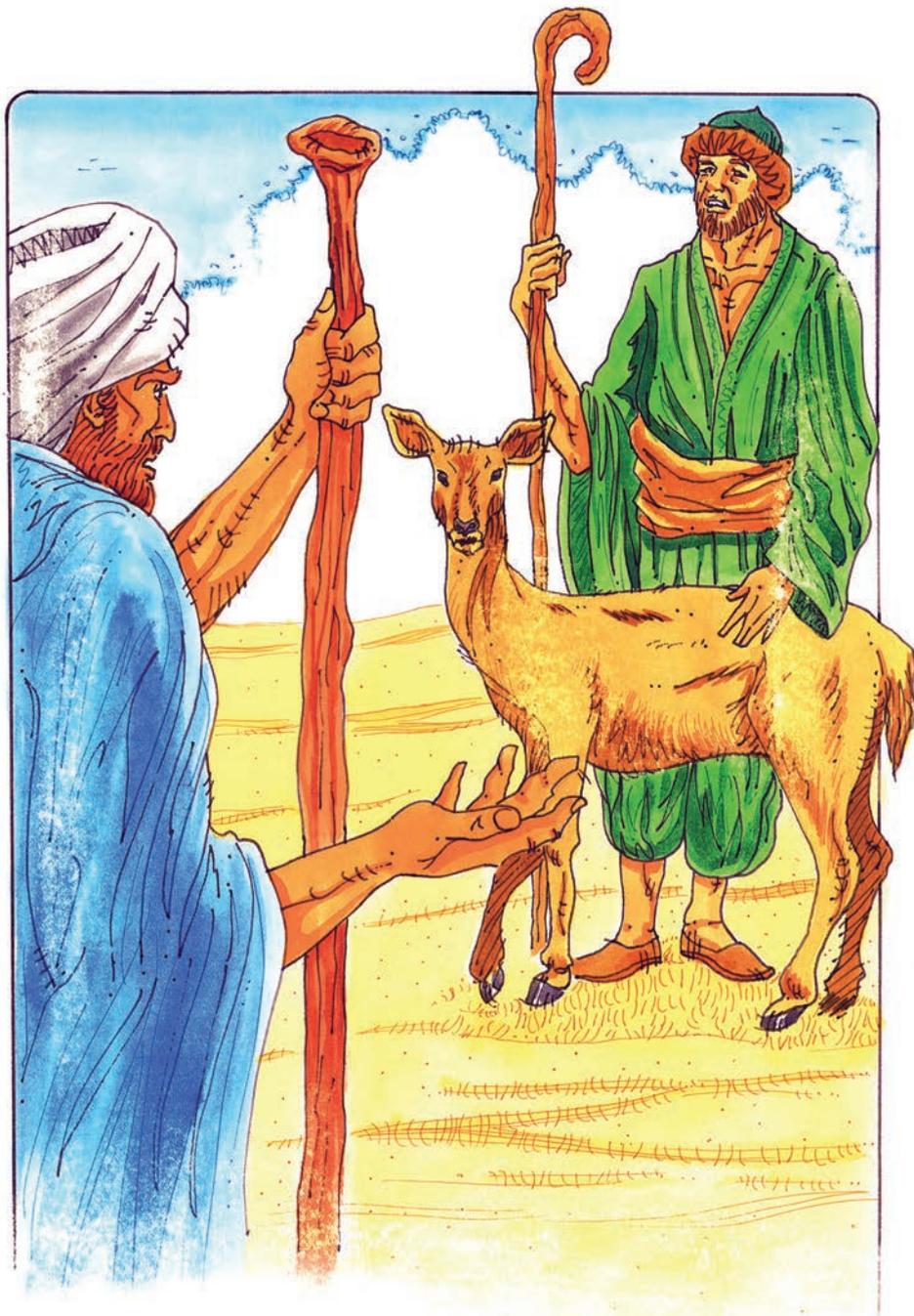
– Conte-nos, eu lhe peço, o que aconteceu – pediu a esposa.

– Ai de mim! – gemeu o marido. – Eu tenho apenas um ano para viver.

Contou-lhes, então, o que tinha se passado entre ele e o gênio e como empenhara sua palavra, prometendo-lhe que retornaria, após um ano, para ser morto. Ao ouvir essa triste notícia, sua mulher entrou em desespero e todos choraram muito.

No dia seguinte, o mercador começou a pôr em ordem seus negócios e, antes de tudo, a efetuar o pagamento de suas dívidas. Deu presentes aos amigos e boas esmolas aos pobres. Deu a liberdade aos seus escravos e tomou providências para o sustento de sua mulher e filhos.

O ano passou rápido e ele se viu obrigado a partir. Quando tentou dizer adeus à família, ficou completamente tomado pela



*Um homem que conduzia uma corça aproximou-se dele.*

tristeza, mas, mesmo sendo muito difícil para ele, pôs-se a caminho. Finalmente chegou, bem no dia marcado, ao lugar onde encontrara pela primeira vez o gênio. Desmontou e foi sentar-se à beira da fonte, onde ficou esperando-o, tomado por uma terrível ansiedade.

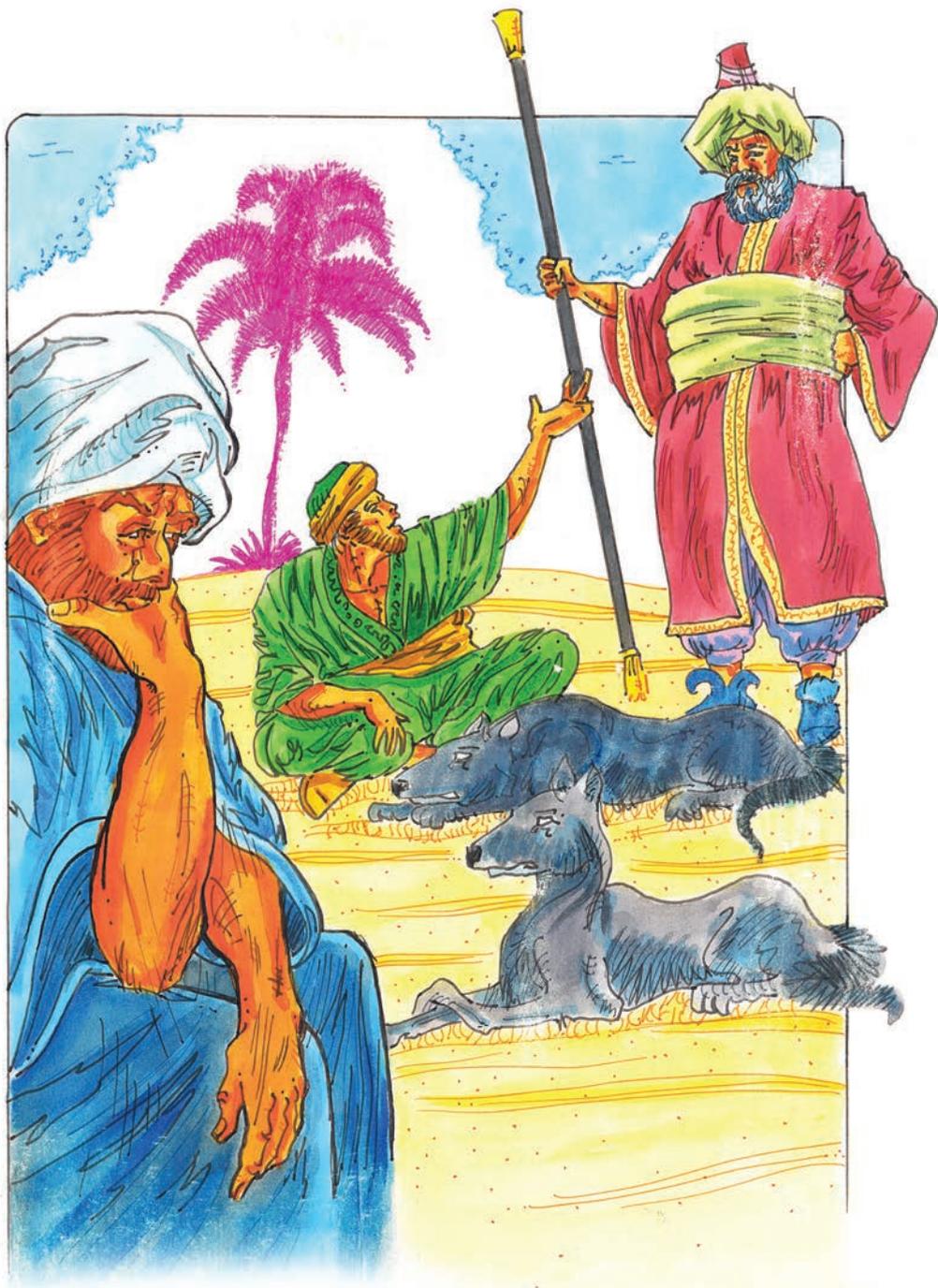
Enquanto esperava nessa angústia, um velho homem, que conduzia uma corça, aproximou-se dele. Eles se cumprimentaram e o velho homem falou:

– Permita-me perguntar-lhe, irmão, o que o trouxe a este lugar deserto, onde há, por toda parte, tantos gênios malvados? Ao ver estas lindas árvores qualquer um poderia imaginar ser um local desabitado, mas aqui é muito perigoso para se ficar muito tempo parado.

O mercador contou ao velho homem porque tinha sido obrigado a vir e este o ouviu com grande perplexidade.

– Mas este é um fato surpreendente! Eu gostaria de presenciar seu encontro com o gênio – e assim falando, sentou-se ao lado do mercador.

Enquanto conversavam, outro velho homem aproximou-se seguido por dois cachorros pretos. Ele os cumprimentou e perguntou-lhes o que faziam naquele lugar. O velho homem que conduzia a corça contou-lhe a história do mercador e do gênio. O segundo velho homem nunca tinha ouvido uma história incrível como aquela, e resolveu também ficar ali e ver o que aconteceria. Estavam todos conversando, quando chegou mais um homem. Este perguntou por que o mercador, que estava com eles, parecia tão triste. Os dois homens contaram-lhe a história e ele também decidiu ver o que se passaria entre o gênio e o mercador; assim, ficou esperando com os outros.



*Outro velho aproximou-se, seguido por dois cachorros pretos.*

Finalmente viram à distância uma espessa fumaça, como uma nuvem de poeira. Ela se aproximava deles cada vez mais, até que subitamente desvaneceu-se e eles viram o gênio que, sem falar com ninguém, aproximou-se do mercador com a espada na mão e, segurando-o pelo braço, disse:

– Levante-se e deixe-me matá-lo assim como você matou meu filho.

O mercador e os três homens começaram a chorar e a se lamentar.

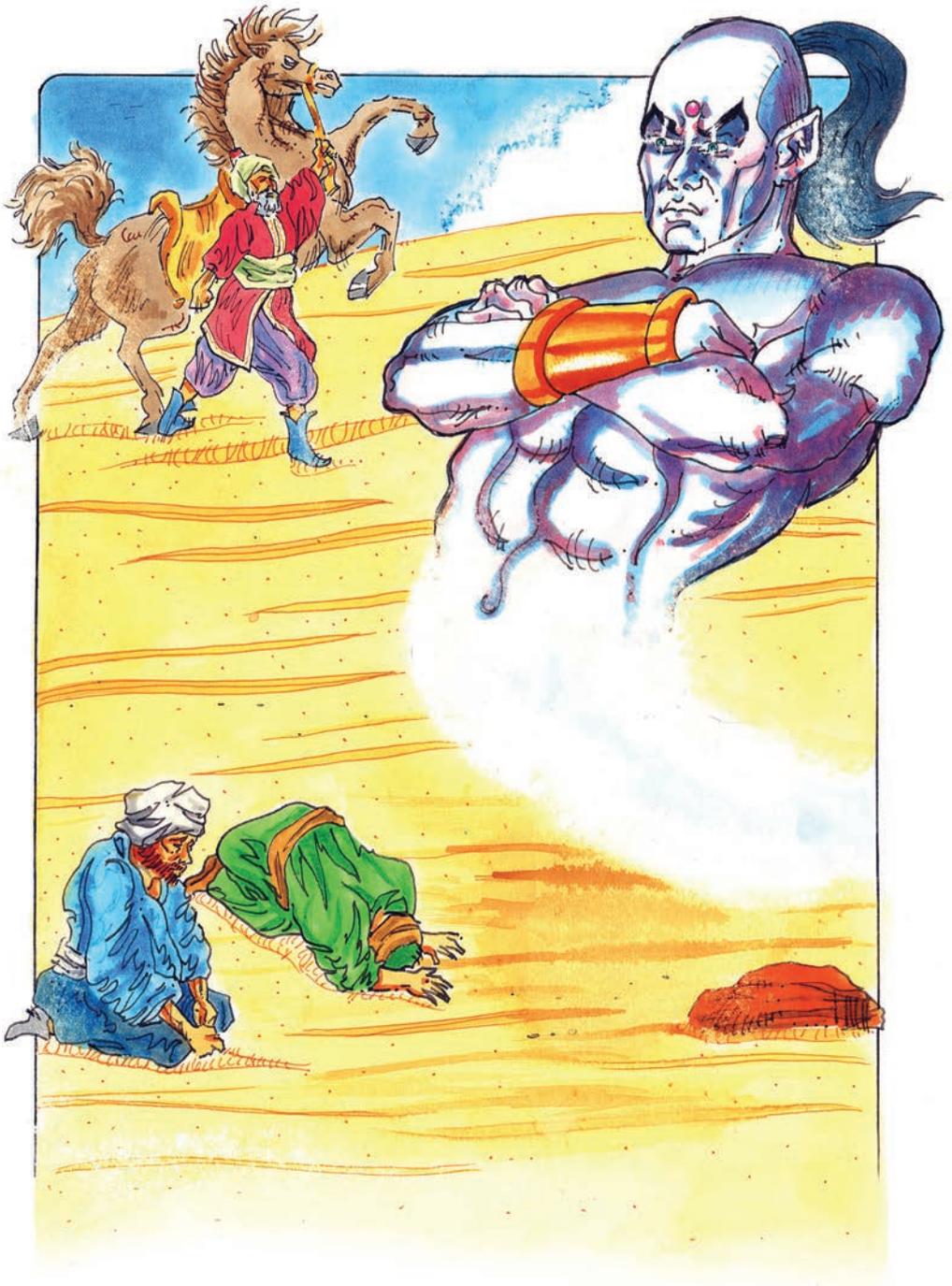
Então, o velho homem que segurava a corça atirou-se aos pés do monstro e disse:

– Ó príncipe dos gênios, peço-lhe que contenha sua fúria e me ouça. Vou contar-lhe a história minha e da corça que trago comigo. Se o senhor a considerar mais fantástica do que a do mercador que está prestes a matar, posso ter a esperança de que o senhor não executará um terço da punição dele?

O gênio pensou durante algum tempo, após o qual disse:

– Está bem, concordo com sua proposta.

– Então vou começar minha história – disse o velho. – Por isso, peço-lhes atenção, por favor.



*A poeira subitamente desvaneceu-se e eles viram o gênio...*

## **A história do primeiro velho homem e da corça**

Esta corça que vêm comigo é minha mulher. Não tivemos nossos próprios filhos, então eu adotei o filho de uma escrava favorita e fiz dele meu herdeiro.

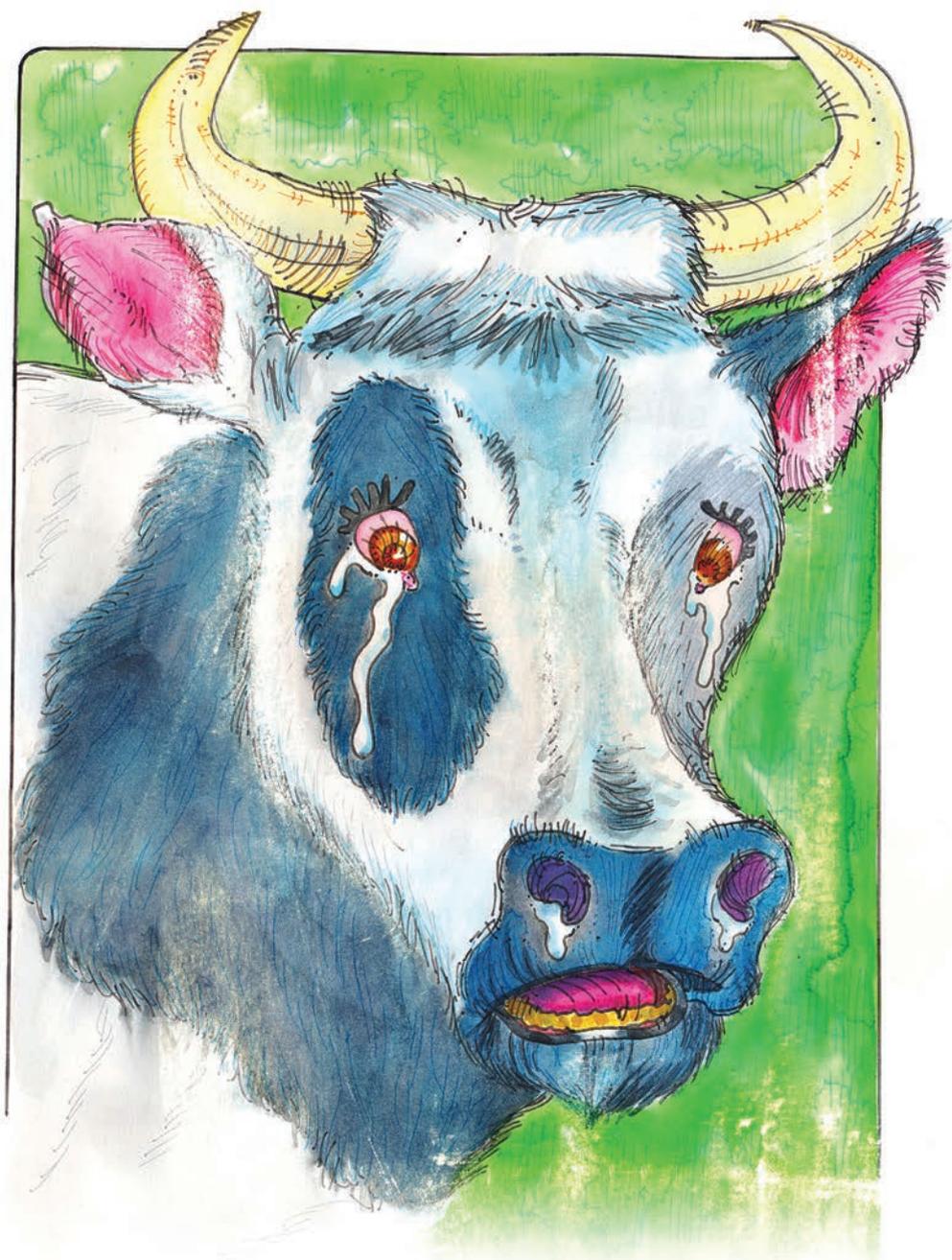
Minha mulher, no entanto, passou a sentir uma grande aversão a ambos, mãe e filho, mas escondeu isso de mim até que fosse tarde demais. Quando meu filho adotivo tinha cerca de dez anos, fui obrigado a fazer uma viagem. Antes de partir, encarreguei minha mulher de proteger os dois, mãe e filho, e pedi-lhe para cuidar deles durante a minha ausência, que levaria um ano inteiro. Nesse meio tempo, ela estudou magia, com o objetivo de executar seu plano perverso. Quando já tinha aprendido o suficiente, carregou meu filho para um lugar distante e o transformou em um bezerro. Depois, entregou-o para meu administrador e disse a ele que cuidasse do novilho que ela havia comprado. Transformou também minha escrava em uma vaca e a deu ao meu administrador.

Quando voltei, perguntei-lhe por minha escrava e meu filho.

– Sua escrava morreu – disse ela. – Quanto ao seu filho, não o tenho visto há cerca de dois meses, e não sei onde ele está.

Fiquei muito triste ao saber da morte de minha escrava, mas meu filho estava apenas desaparecido e pensei que poderia encontrá-lo em breve. Entretanto, oito meses se passaram e eu continuava ainda sem notícias dele. Chegou, então, a época do Festival de Bairam.

Para celebrar a data, ordenei a meu administrador que trouxesse uma vaca bem gorda para ser sacrificada. Ele obedeceu. O animal que me trouxe era a minha infeliz escrava. Amarrei-a,



*Ela começou a mugir e vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas.*

mas quando estava prestes a matá-la ela começou a mugir de um modo muito comovente e eu vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Esse fato pareceu-me tão extraordinário que, movido pela piedade, ordenei a meu empregado que a levasse de volta e que me trouxesse outra. Minha mulher presenciou meu gesto e zombou de minha compaixão, pois, agindo assim, eu tornara inútil sua maldade contra a escrava.

– O que você está fazendo? – exclamou ela. Mate esta vaca! É a melhor que temos para o sacrifício.

Para agradecer-lhe, tentei mais uma vez, mas de novo os mugidos e as lágrimas do animal impediram-me.

– Leve-a embora – disse eu ao administrador. – E mate-a você. Não posso fazer isso!

Ele a matou, mas ao tirar-lhe o couro, não achou nada além de ossos. No entanto, a vaca parecia bem gorda. Eu fiquei muito aborrecido.

– Fique com ela para você – disse eu ao empregado. – E, se tiver um bezerro gordo, traga-o para substituir a vaca no sacrifício.

Dali a pouco ele me trouxe um novilho muito gordo, que, sem que eu soubesse, era o meu filho. O animal tentou, com dificuldade, partir a corda que o prendia e vir na minha direção. Atirou-se aos meus pés, com a cabeça junto ao chão, como se desejasse despertar minha piedade, e pedir-me que não lhe tirasse a vida.

Eu fiquei realmente mais surpreso e comovido por essa reação do que ficara pelas lágrimas da vaca.

– Vá – disse eu ao homem. – Leve de volta este bezerro, cuide muito bem dele, e traga-me rápido outro no seu lugar.

Assim que minha mulher ouviu minhas palavras, imediatamente gritou:

– O que você está fazendo, marido? Não sacrifique outro bezerro, mas sim este aqui!

– Mulher – retruquei. – Não sacrificarei este bezerro. – E, apesar de todas as objeções dela, mantive-me firme.

Matei outro bezerro e aquele foi levado de volta para o curral. No dia seguinte, o administrador pediu para falar comigo em particular.

– Vim com a intenção de revelar-lhe algumas novidades que, penso eu, o senhor vai gostar de ouvir. Tenho uma filha que conhece magia. Ontem, quando estava levando de volta o bezerro que o senhor se recusou a sacrificar, percebi que ela sorriu e, logo em seguida, começou a chorar. Perguntei a ela o motivo dessa atitude.

– Pai – respondeu-me. – Esse camelo é o filho de nosso amo. Eu sorri de alegria ao vê-lo ainda vivo, e chorei ao pensar na mãe dele que foi sacrificada ontem na forma de uma vaca. Essas transformações foram feitas pela mulher do nosso amo, que odiava tanto a mãe quanto o filho.

– Ao ouvir tais palavras, ó gênio – continuou o velho homem – pode o senhor imaginar o tamanho do meu espanto? Fui imediatamente, com meu empregado, falar eu mesmo com a filha dele. Mas, antes disso, dirigi-me ao estábulo para ver meu filho. E ele retribuiu, de seu modo calado, a todos os meus afagos. Quando a filha do administrador chegou, perguntei a ela se poderia fazer meu filho voltar à sua verdadeira identidade.

– Sim, posso, mas sob duas condições – respondeu ela. – Uma, é que o senhor me conceda seu filho como meu marido, e a outra,

é que me deixe punir a mulher que o transformou em bezerro.

– Quanto à primeira condição, concordo com todo meu coração, e ainda darei a você um grande dote. Quanto à segunda, também concordo, mas peço-lhe apenas que poupe a vida dela.

– É o que farei – concordou ela. – Darei a ela o mesmo tratamento que deu ao seu filho.

Então, ela pegou um vaso com água e pronunciou sobre ele algumas palavras que não compreendi. Depois, foi derramando a água sobre o bezerro e ele se transformou, imediatamente, num jovem rapaz.

– Meu filho, meu querido filho! – exclamei, beijando-o com imensa alegria. – Esta amável donzela resgatou-o de um terrível encantamento. Estou certo de que você, por profunda gratidão, aceitará casar-se com ela.

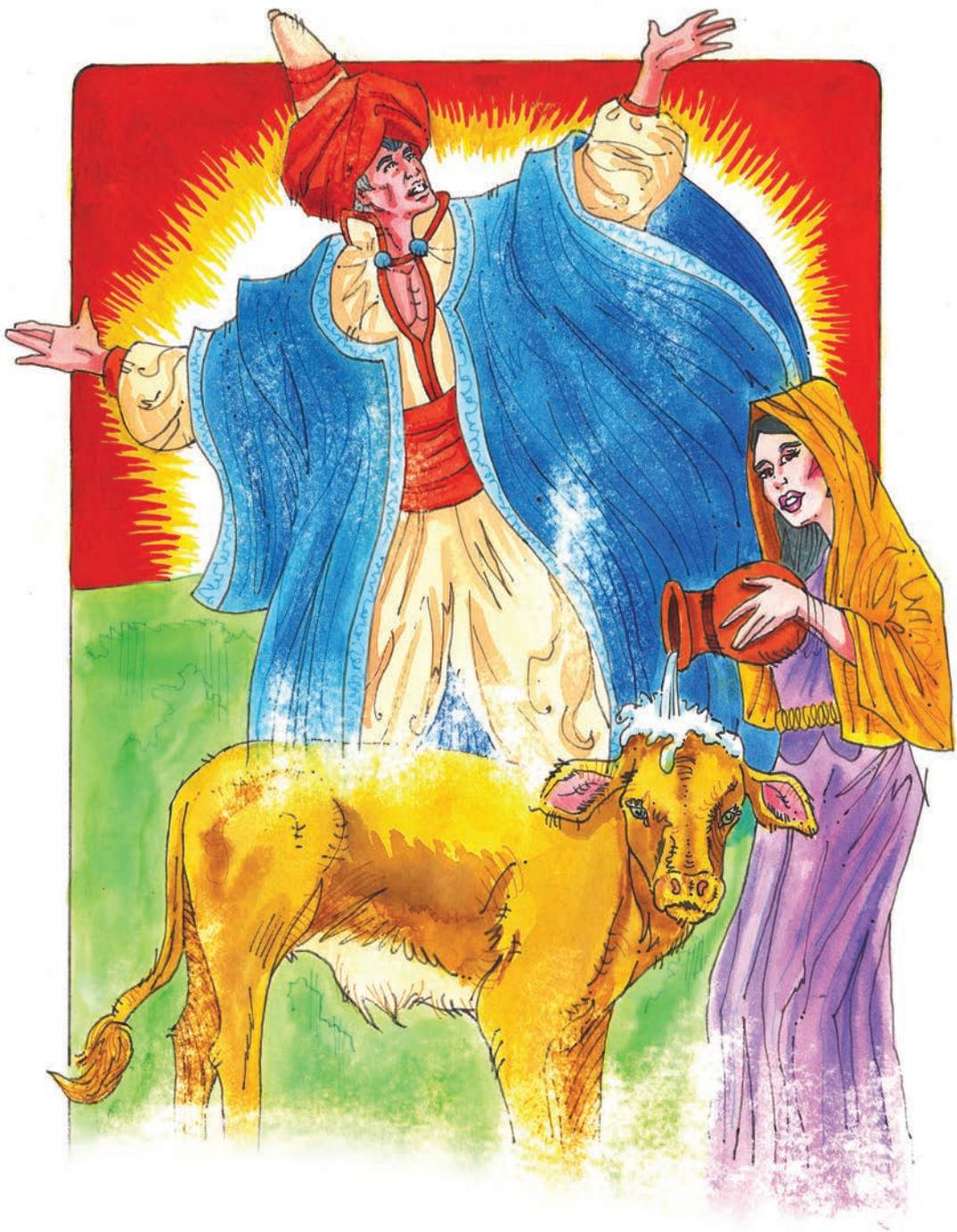
Ele aceitou alegremente, mas, antes de se casarem, a jovem transformou minha mulher em uma corça. E é ela que o senhor vê à sua frente. Eu preferi que tomasse esta forma e não uma mais estranha, assim podemos vê-la, na família, sem repugnância.

Desde aquela época muita coisa aconteceu: meu filho ficou viúvo e partiu em viagem. Estou agora indo à procura dele e, como não quis confiar minha mulher aos cuidados de outra pessoa, trouxe-a comigo. Então? Esta não é a mais fantástica história que o senhor ouviu?

– Sim, é mesmo – disse o gênio. – E, por isso eu lhe concedo uma terça parte do castigo deste mercador.

Assim que o primeiro velho homem terminou sua história, o segundo, que levava com ele os dois cachorros pretos, disse ao gênio:

– E vou contar o que aconteceu comigo e, com certeza, o



*Foi derramando água sobre o bezerro e ele se transformou...*

senhor achará minha história ainda mais extraordinária do que a que acabou de ouvir. Mas depois de contá-la, o senhor me concederá também um terço da punição do mercador?

– Sim – concordou o gênio. – Desde que sua história seja melhor que a da corça.

Com este acordo, o segundo velho homem começou seu relato.

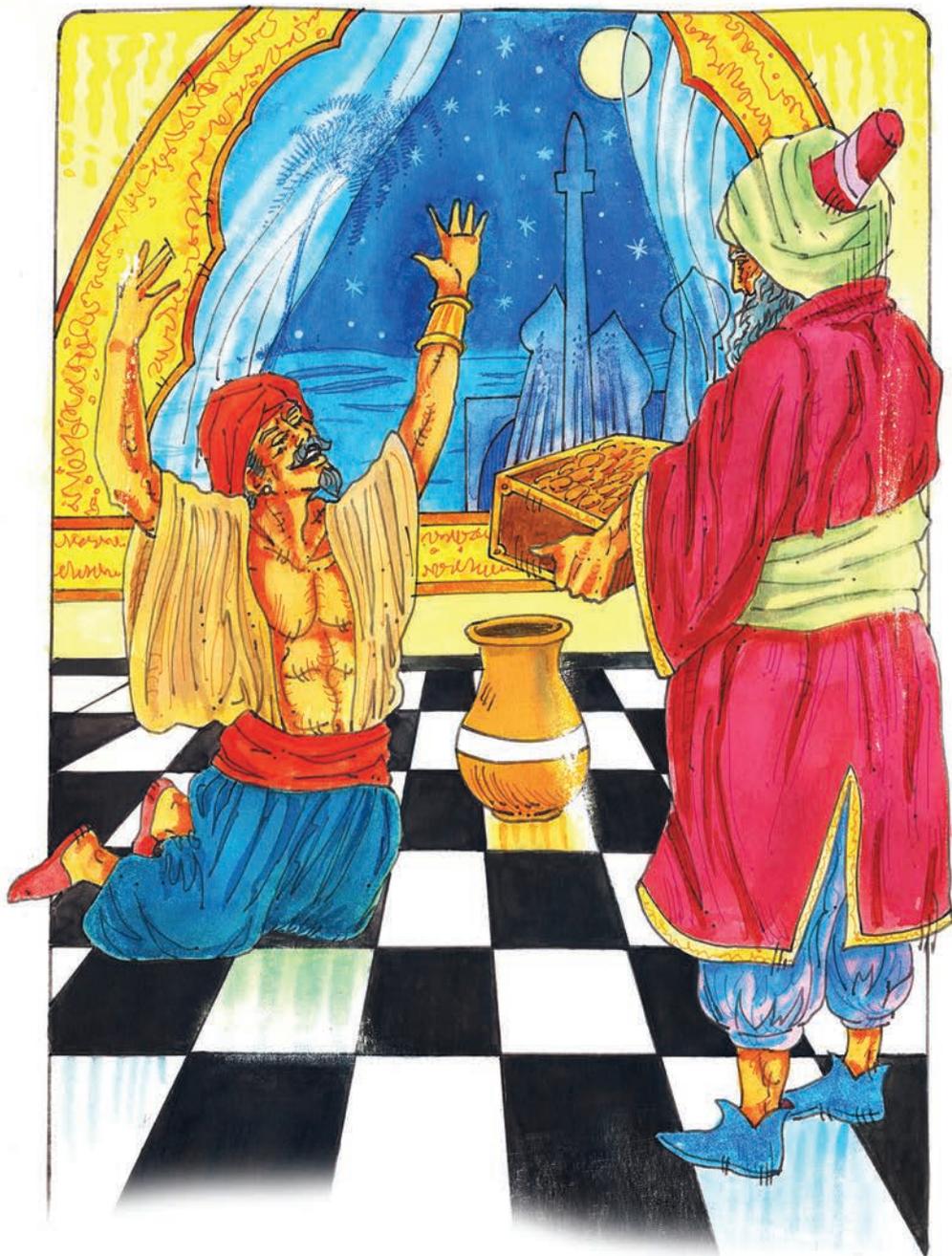
### **O segundo velho e os dois cachorros negros**

Grande príncipe dos gênios, o senhor precisa saber que nós somos três irmãos: estes dois cachorros negros e eu. Nosso pai morreu, deixando a cada um de nós mil sequins. Com esta quantia os três escolhemos a mesma profissão e nos tornamos mercadores. Pouco tempo depois de termos aberto nossas lojas, meu irmão mais velho, um destes dois cães, decidiu viajar por países, no estrangeiro, para fazer comércio de mercadorias. Com essa intenção, vendeu tudo que tinha e comprou mercadorias adequadas para levar na sua viagem. Ele partiu e ausentou-se por um ano inteiro. Ao fim desse período, um mendigo entrou na minha loja.

– Bom dia! – cumprimentei-o.

– Bom dia – respondeu. – Será possível que você não me tenha reconhecido?

Então, olhei-o bem de perto e reconheci o meu irmão. Eu o



*Percebi que tinha conseguido dobrar o meu capital e dei metade para o meu irmão.*

fiz entrar em minha casa e lhe perguntei se não tinha tido sorte nos seus empreendimentos.

– Não me pergunte – replicou ele – olhe para mim e você verá tudo o que me restou. Eu gostaria de contar-lhe, mas é difícil recordar todos os infortúnios que se abateram sobre mim em um ano e me deixaram neste estado deplorável.

Diante disso, fechei minha loja, dei a ele toda minha atenção, fiz com que tomasse um banho e vestisse meus mais belos trajes. Conferi minhas contas e percebi que tinha conseguido dobrar o meu capital – de fato, eu possuía agora dois mil sequins. Dei metade para o meu irmão, dizendo:

– A partir de agora, irmão, você pode esquecer suas perdas.

Ele aceitou com grande alegria e passamos a morar junto como antes.

Algum tempo mais tarde, meu segundo irmão decidiu também vender seu negócio e viajar. Meu irmão mais velho e eu fizemos de tudo para dissuadi-lo, mas de nada adiantou. Juntou-se a uma caravana e partiu. Voltou ao fim de um ano, num estado tão deplorável quanto o do meu primeiro irmão. Eu cuidei dele e, como tinha poupado mil sequins, entreguei-lhe essa quantia, com a qual reabriu sua loja.

Um dia, meus dois irmãos vieram propor-me que fizéssemos junto uma viagem de negócios. De início recusei-me a ir.

Vocês viajaram – argumentei. – E o que ganharam com isso?

Mas eles vieram até mim repetidas vezes e finalmente, depois de cinco anos de insistência, eu acabei concordando. Mas, quando meus irmãos estavam fazendo seus preparativos e começaram a comprar as mercadorias de que nós precisávamos, perceberam



*Fui parado por uma bela mulber, pobremente vestida.*

que não tinham condições, pois haviam gasto cada moeda dos mil sequins que eu lhes havia dado. Não os reprovei. Dividi meus seis mil sequins com eles, dando mil a cada um e ficando com um mil para mim. Os outros três mil eu os enterrei num canto da minha casa. Compramos mercadorias, enchemos uma embarcação com elas e partimos com um vento favorável.

Depois de dois meses navegando, chegamos a um porto, onde desembarcamos e fizemos um grande negócio. Compramos as mercadorias do país e estávamos prestes a velejar novamente, quando fui parado, ainda em terra, por uma bela mulher, mas pobrementemente vestida. A jovem veio até mim, beijou-me a mão e implorou que me casasse com ela e a levasse para bordo. A princípio recusei, mas ela pediu com tanta insistência, prometendo ser uma esposa tão boa para mim, que, por fim, aceitei. Presenteei-a com belos vestidos e, depois de casarmos, embarcamos e partimos. Durante a viagem, descobri excelentes qualidades em minha esposa, a quem passei a amar cada vez mais. Mas meus irmãos passaram a ter inveja da minha felicidade e a fazer planos contra a minha vida. Uma noite, enquanto dormíamos, eles nos lançaram ao mar: minha mulher e a mim. Minha esposa, contudo, era uma fada. Assim, não permitiu que eu me afogasse e ainda transportou-me para uma ilha. Assim que raiou o dia, ela me disse:

– Quando o vi à beira-mar, senti uma grande simpatia por você e decidi pôr a prova sua bondade natural. Então, apresentei-me a você disfarçada, como já sabe. Agora, eu o recompensei, salvando sua vida. Mas estou muito furiosa com seus irmãos e não descansarei enquanto não der cabo de suas vidas.

Agradei à fada por tudo que ela fizera por mim, mas implorei-



*A fada reapareceu e disse: “Estes cachorros são seus irmãos...”*

lhe que não matasse meus irmãos. Aplaquei sua ira e num segundo ela me transportou da ilha onde estávamos para o teto da minha casa. Também, um segundo depois, desapareceu.

Desci do telhado, abri as portas e desenterrei os três mil sequins que tinha escondido. Fui até o lugar onde ficava minha loja e a abri. Recebi dos mercadores, meus companheiros, muitos cumprimentos por meu retorno. Mais tarde, quando entrei em casa, vi dois cachorros pretos que se aproximaram de mim com a fisionomia muito triste. Fiquei espantado, mas a fada reapareceu e explicou-me:

– Não fique tão surpreso ao ver estes cachorros; eles são seus irmãos. Eu os condenei a permanecer sob essa forma durante dez anos.

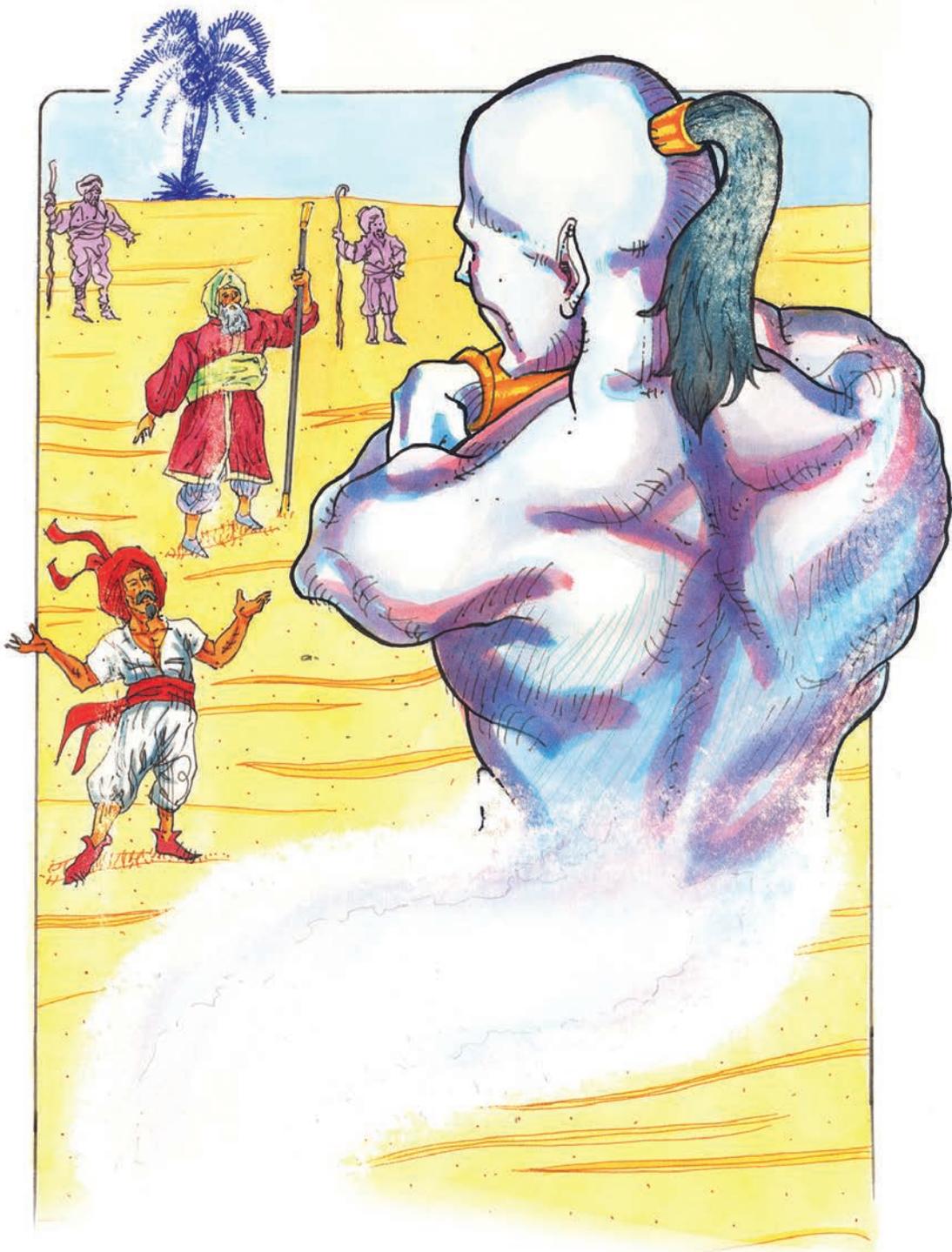
E, após me dizer onde eu poderia ter notícias sobre ela, desapareceu. Os dez anos estão quase terminando e eu me pus na estrada para procurá-la. Ao passar por aqui, encontrei este mercador e o velho homem com a corça. Resolvi ficar com eles.

– Esta é minha história, ó príncipe dos gênios! O senhor não acha que ela é a mais fantástica de todas?

– Sim, realmente – concordou o gênio. – E darei a você um terço da punição do mercador.

Então, o terceiro velho homem fez ao gênio o mesmo pedido que os dois outros haviam feito. E o gênio prometeu-lhe que perdoaria a última terça parte do castigo do mercador, se sua história superasse as duas outras.

Assim, ele contou sua história para o gênio, mas eu não posso dizer o que foi, pois não a conheço. Mas sei que era ainda mais assombrosa que as outras duas; e o gênio ficou tão admirado, que disse ao terceiro velho homem:



*Minha história não é a mais fantástica de todas?*

– Eu lhe darei a última terça parte da punição do mercador. Ele deve agradecer a vocês três por terem se empenhado em seu favor. Por causa de vocês ele poderá sair logo daqui.

Dito isso, o gênio desapareceu, para grande alegria de todos. O mercador agradeceu muito aos seus amigos e, em seguida, cada um retomou seu caminho. O mercador voltou para sua mulher e seus filhos e passou o resto dos seus dias feliz na companhia deles.

**Ficha catalográfica**

*O Mercador e o Gênio*

Conto das Mil e Uma Noites – Ilustrações de Fábio Moraes

Tradução do inglês de domínio público por Cleusa Lopes

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 2ª edição, 2011.

ISBN 978-85-61192-05-1

**Créditos**

Coordenação do projeto – Alberto V. Queiroz

Produção Gráfica – Circus Serviços Gráficos Ltda.

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler, de responsabilidade da:

Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP. É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.





**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal

